

ambas soffrem, e assim as penas de Alfredo erão uma lição proficua para Julio, e as d'este uma consolação para Alfredo.

— Sim, Alfredo, eu devia sempre amal-a extremosamente, dizia Julio; emhora soffresse como tú, julgar-me-hia feliz e não teria remorsos.

— Como te enganas, Julio; quizera que Corina fosse uma Aurelia para que eu não soffresse tanto....

As dores alheias se não consolão de todos nossos males, os suavisão ao menos.

Alfredo não se esquecia de inculir em seu amigo o amor que Maria lhe consagrava e isso fazia avivar em Julio as recordações de seus tempos felizes.

ARARÊ.

(Continúa)

Revista theatral

O nosso compromisso, de domingo passado, de apreciar mais detidamente os espectaculos da companhia dramatica do Sr. Guilherme da Silveira, ficou quasi que sem valor.

E isso acontece unicamente porque os ultimos dramas representados pela companhia, se por alguma cousa se tornão notaveis é por nada conterem que possa servir de objecto para uma apreciação.

São simplesmente ruins.

Excepção feita da — *Doida de Montmayour*, ultima representação a que assistimos antes de escrever estas linhas, — tudo o que se representou no S. Pedro merecia.... nós bem sabemos o que é que merecia.

A propria *Judia*, que por ser uma produção daquelle vigoroso talento d'além-mar, que produziu a *Morgadinha*, era esperada com impaciencia pelo publico, sahio-nos uma cousa tediosa, deficiente, aleijada, como se fôra aborto enfezado de uma imaginação enferma e esteril.

Não foi feliz Pinheiro Chagas na sua concepção.

Escreveu um drama mais para ser lido no gabinete, do que para ser exposto no palco, á luz brilhante da arte.

Aquillo que elle fez não foi uma obra dramatica, cuja acção se desenvolve entre perso-

nagens diversas, não: aquillo é, como muito bem disse alguem, uma aria cantada pela *Judia*, com côros por toda a companhia.

O 1º acto, em muitas occasiões, chega a ser fatigante, especialmente na scena em que o autor pretendeu descrever, em toda a sua pujante vitalidade, os regios amores de D. João III com Beatriz.

Lançou, então, o illustre dramaturgo portuguez mão de um lyrismo excessivo, redundante, para manifestar, parece, com certa propriedade, o temperamento fogoso, vehemente, arrebatado das filhas de Israel.

Ha nesta scena verdadeiras bellezas, primores de estylo, e elevação de imagens; mas por isso mesmo que por demais se alonga, chega a enfasiar, accrescendo que é uma situação, ao menos para nós, bem pouco moral.

Apparece ali, pintada com cores violentas, a exaltação dos sentidos, o excitamento de paixões, que nada têm de puras, ao menos por parte do principe (D. Sayme), cujas intenções indignas e criminosas claramente se manifestão.

E a *Judia* falla, falla, falla.... dá-lhe innumerados e repetidos beijos, encosta-o sem rebuço aos seus seios cálidos de virgem, deixa que aquelle homem lhes respire a doce fragancia e ao sahir ainda, como essas *regateiras* vulgares, essas infelizes prostituídas, sem educação, atira-lhe beijos nas pontas dos dedos, e naturalmente suspira e estremece ao jugo de lubricos desejos.

Durante os outros actos, de uma dialogação falsa, nunca reciproca, sempre abundante de palavras por parte da *Judia*, duas scenas existem todavia, que encerrão algumas bellezas e que tiverão por parte dos artistas a quem cabião um excellentê desempenho: aquella em que Beatriz e a rainha disputão-se a posse do coração e do amor de D. João III e a outra em que D. Vasco de Menezes revela á *Judia* o segredo do seu nascimento.

O acto da reunião do conselho de estado, em suas primeiras scenas, é fatigante e aborrecido, o o ultimo, esse então é desenvolvido, por assim dizer, unicamente pela *Judia*, que falla em todo elle só, talvez mais do que os outros personagens em todo o drama.

A's vezes tínhamos pena da distincta actriz D. Ismenia, e estavamos a ver o momento em que lhe faltarião as forças para continuar.

Mas felizmente aquelle talento esplendido é infatigavel e teve coragem para levar até

final, com todo o brillantismo, a penosa tarefa de que estava incumbida.

Aquelle rei, confiado ao distincto actor Dias Braga, era um idiota fanatisado, que estava sempre calado, e no 5º acto, então, quando Beatriz lhe offerece a sua honra em troca da salvação de seu povo, naquella longa supplica, aquelle rei faz ali papel não sabemos de que, assistindo de pé, durante muitos minutos, á choradeira da *Judia*, mudo, completamente mudo.

Pararemos aqui; não tivemos a intenção de criticar a obra do illustrado escriptor portuguez, diante de quem nos sentimos tão pequenos como a terra diante do sol.

Isto que ali fica são as nossas impressões, transmittidas ao publico taes quaes como as recebemos.

Todavia, não queremos dizer que esse drama não tenha para nós merito e esteja no caso dos que tratamos no principio de nossa revista.

Isso seria um absurdo.

O desempenho foi tão bom quanto podia ser, e devido talvez a isso agradou o drama mais do que devia.

Os outros dramas levados á scena pela companhia do Sr. Guilherme da Silveira forão *As noites da India* e *A Roubadora de crianças*, que não merecem a honra de occupar um lugar nesta revista.

O que elles merecião, e que nós ha pouco não quizemos dizer, é que o digno empresario os excluísse de seu repertorio e os queimasse, esconjurando-os.

Entretanto forão ambos regularmente desempenhados.

Quinta-feira representou-se pela 2ª vez *A douda de Montmayour*, que, não sendo uma peça moderna, é todavia bonita, especialmente no prologo, 1º e 3º acto, em que o trabalho de D. Ismenia e Dias Braga é verdadeiramente admiravel.

D. Leolinda, Leopoldo e D. Gilda agradarão também bastante.

O Sr. G. da Silveira, que havia annuciado para esse dia o seu ultimo espectáculo, devendo partir para o Rio Grande no *Guayba*, resolveu demorar-se mais algum tempo, visto ter-lhe o locatario do theatro cedido mais 4 noites.

Oxalá não nos dê a empreza, com esses ultimos espectaculos, mais *Noites da India* e *Roubadora*.

A SEMANA

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra....

Era o caso de applicar este dito, em relação as nossas cousas theatraes.

E palavra que é assim...

Anda a gente aqui seis, sete, oito mezes em verdadeira pasmiaceira, como se estivesse no periodo das sete vacas magras do sonho de Pharaó, decifrado por José; mas de repente, de sopetão, assim como um raio que nos cabe em casa, ali nos chegam as companhias e agora o veremos....

E a gente, que é amante do theatro, das artes, vê-se obrigada a andar a « escurrupichar » as algi-beiras, se quer apreciar o que é bom e bonito.

Assim é que ainda bem não está o publico satisfeito de ver a companhia do Sr. Guilherme, bem como ainda não se satisfaz o Sr. Guilherme de fazer boas casas e ganhar dinheiro, já nos annunciação officialmente a vinda da companhia lyrica do Sr. Narizano, que ha muito tempo está em Montevideo a fazer-nos « negaças e bichinhos ».

E o pobre do Sr. Guilherme, que parecia ter achado aqui o seu « El-Dorado », vê-se obrigado a ir puchando com a trouxa, com bem pezar seu e do publico, que concorreria aos seus espectaculos.

E', pois, bem certo «que não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe ».

O peor, porém, é que o pobre K. Zéca que, na sua qualidade de amante do theatro-dramatico, tem feito os maiores sacrificios para ir a todos os espectaculos; como «dilletanti» do lyrico e assignante inscripto de cadeira, esta se vendo agora em calças pardas para arranjar os 43\$200 rs. de que precisa.

E como eu, leitores, nestes apuros, se hão de achar muitos de VV. SS.

Sim, sim..... orgulho á parte, confessem a fraqueza.

Vamos lá; quem diz a verdade nunca póde incorrer em censura.

Mas, e nfm, se os apuros forem muitos eu sei quem empresta dinheiro a um premio rasoavel..... suave, mesmo:

Praia do Riacho, n...., a 101 %....., a fracção, em ultimo caso, se dispensa.... mas só em ultimo caso, attendão bem.

Por todos estes motivos é que eu disse:

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Cada vez me convenço mais de uma cousa:

E' que ha certas moças que, imbuindo-se de uns pensamentos de superioridade sobre as outras, entendem que todo o mundo deve andar de rojo a seus pés, atirando-lhes ao rosto as lufadas do tolo incenso de uma adoração mais tola ainda.

Julgão ellas que quanto maior fôr o numero dos seus adoradores, mais avulta a superioridade que se arrogão.

E' assim que aceitão todas as côrtes, provenhão ellas de um elegante ou de um lapuz, de um feio ou de um bonito, de um tolo ou de um espirituoso, de um ignorante ou de um illustrado.

Tudo lhes serve; comtanto que sobre todas essas